

# REBES REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

ISSN - 2358-2391

GVAA - GRUPO VERDE DE AGROECOLOGIA E ABELHAS - POMBAL - PB  
- Artigo de Revisão -



## *O papel da família diante do fracasso escolar numa visão psicanalítica*

*Cícera Maia Dantas*

Professora da rede pública, mestre em Psicanálise Aplicada na Educação e Saúde, pela UNIDERC

*Álvaro Luis Pessoa de Farias*

Mestre em Educação Física e doutor em Ciências da Motricidade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e docente do Programa de Mestrado/Doutorado Livre em Psicanálise na Educação e Saúde, promovido pela UNIDERC

**Resumo:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de discutir o fracasso escolar à luz da Psicanálise, tomando-o não somente como uma inibição inconsciente ao ato de aprender, mas também como um resultado a ausência de uma interação com a família. O fracasso escolar é um tema que interessa à Psicanálise e suas conexões com a Educação, tiveram início com Freud, sendo, portanto, também privilegiadas por Lacan e Maraine Klein. Na contemporaneidade, o fracasso escolar é uma das manifestações que trazem mais prejuízos à vida social e profissional dos adolescentes, apresentando-se como um problema multifatorial, requerendo não somente uma ampla discussão como uma intervenção, elaborada a partir da Psicanálise. Ele é apresentado como sendo uma patologia recente, que somente começou a ser percebido a partir do século XIX, quando a escolaridade passou a ser obrigatória. E, como o passar dos anos, o problema ao invés de ser solucionado, ampliou-se de forma considerável. Não há como se superar o fracasso escola sem a participação da família no dia a dia do aluno, acompanhando em suas atividades, partilhando de todo o processo de ensino aprendizagem. Essa participação também é importante porque auxilia no processo de escuta psicanalítica, tão necessária para se conhecer/identificar os reais motivos que levam os alunos a não apresentarem um bom rendimento na escola. E, toda a intervenção psicanalítica destinada à superação do fracasso escolar deve considerar como importante a ausência e o nível de presença da família no processo de aprendizagem da criança, objetivando constatar o nível de envolvimento nesse processo. O êxito dessa intervenção também estará condicionado ao grau de comprometimento da família no processo educativo.

**Palavras-chave:** Fracasso escolar. Contribuição da Família. Visão Psicanalítica.

## *The role of the family in front of school failure in a psychoanalytic view*

**Abstract:** It is a literature search with the aim of discussing the school in the light of psychoanalysis failure took him not only as an unconscious act of learning to inhibition, but also as a result of the absence of an interaction with the family. School failure is a topic that concerns psychoanalysis and its connections with the Education, began with Freud, and therefore also privileged by Lacan and Maraine Klein. In contemporary times, school failure is one of the manifestations that do more harm to the social and professional lives of adolescents, presenting itself as a multi-factorial problem, requiring not only a broad discussion as an intervention, developed from psychoanalysis. He is presented as a recent disease, which has only begun to be realized from the nineteenth century, when education became mandatory. And as the years pass, the problem instead of being solved has widened considerably. There is no way to overcome the failure of school without family participation in everyday student, following in their activities, sharing the whole process of teaching and learning. This participation is also important because it helps in the psychoanalytic listening process so necessary to know/identify the real reasons why students do not show a good performance in school. And all psychoanalytic intervention to overcome school failure should consider how important the absence and the level of family presence in the learning process of the child, aiming to note the level of involvement in this process. The success of this intervention will also be conditional on the degree of family involvement in the educational process.

**Keywords:** school failure. Family Contribution. Psychoanalytic vision.

### **1 Introdução**

Trata-se de um estudo de natureza bibliográfica, sobre 'O papel da família diante do fracasso escolar numa

visão psicanalítica'. No âmbito da Psicanálise, os alunos que as escolas classificam como crianças com 'fracasso escolar', são visto como sujeitos que enfrentam 'dificuldades de aprendizagem' por serem portadores de

Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH.

O fracasso escolar é um tema que interessa à Psicanálise e suas conexões com a Educação, tiveram início com Freud, sendo, portanto, também privilegiadas por Lacan e Maraine Klein.

Na contemporaneidade, o fracasso escolar é uma das manifestações que trazem mais prejuízos à vida social e profissional dos adolescentes, apresentando-se como um problema multifatorial, requerendo não somente uma ampla discussão como uma intervenção, elaborada a partir da Psicanálise.

O que se pretende com o presente estudo é promover a articulação entre a Educação à Psicanálise. E, nessa perspectiva promover uma compreensão do fracasso escolar como uma construção do sujeito no contexto histórico-pedagógico, bem como entender a educação enquanto campo onde se estabelece a relação do sujeito com o seu saber.

## 2 Revisão de Literatura

### 2.1 A família enquanto instituição

O termo 'família' é definido sob diferentes óticas, principalmente, nos contextos sociológicos e jurídicos, produzindo reflexos nos demais segmentos do conhecimento humano. Historicamente, a família é definida como sendo uma "sociedade matrimonial, formada pelo marido, a mulher e os filhos, ou o conjunto de pessoas ligadas por consanguinidade ou mero parentesco" (GUIMARÃES, 2011, p. 121).

Dentro dessa mesma ótica do pensamento, Gonçalves (2011, p. 17) destaca que:

No sentido lato sensu, o vocábulo família abrange todas as pessoas ligadas por vínculo de sangue e que procedem, portanto, de um tronco ancestral comum, bem como as unidas pela a família e pela adição. Compreende os cônjuges e companheiros. Os parentes e os afins.

Vista por essa ótica, a família é um grupo de pessoas que possuem em comum um tronco ancestral, sejam parentes próximos ou distantes.

À medida que a sociedade evolui, se modifica, se transforma motivada por diferentes fatores, sejam estes de ordem econômica ou política, seus reflexos incidem sobre a família, redefinindo-a. É importante destacar que o conceito de 'família' tem acompanhado a evolução registrada na sociedade, de forma que cada época possui seu conceito próprio de 'família', tanto na ótica jurídica, quanto sociológica, antropológica, etc.

Oliveira (2004, p. 158) cita como exemplo:

O pai, a mãe e os filhos formam um grupo primário; as regras e os procedimentos que regulamentam essa relação fazem parte da instituição familiar. Isso significa que as mesmas regras e normas de conduta de uma família valem para todas as famílias de uma determinada

sociedade, já que elas assumem um caráter institucional.

Pode-se atribuir a sociedade e ao Estado os cuidados de auxiliar a família a cumprir todas as suas responsabilidades, isentando-os de obrigações que são próprias da família. Para tanto, é preciso criar meios que fortaleçam os laços familiares e que promovam a oferta de emprego, para que as famílias passem a possuírem uma melhor qualidade de vida.

Assim, desde o nascimento o ser humano aprende regras e os procedimentos necessários para uma boa vivência em grupo social, seja na escola ou trabalho. Todos esses valores são adquiridos na instituição familiar. No entanto, é no lar onde os filhos percebem se são ou não amados e respeitados, proporcionando um relacionamento saudável, ou não, com outros membros da família. Entretanto, se o relacionamento familiar não vai bem, é refletido também em ambientes frequentados pelos mesmos.

Portanto, é na família onde o indivíduo aprende o princípio do respeito mútuo, que é fundamental para conviver com grupos sociais, partindo do princípio de que os pais são as primeiras pessoas a terem contatos com os filhos e a passarem informações básicas, que são fundamentais para a formação ética e moral do indivíduo.

A estabilidade familiar é importante para o equilíbrio de uma sociedade. Os valores que os filhos recebem na sua formação são importantes para fortalecer princípios éticos e ter um bom relacionamento no meio social, no saber ouvir e respeitar as diferenças sociais e culturais.

Informa Lôbo (2008) que os babilônicos se destacaram entre os povos da Mesopotâmia devido promover uma educação essencialmente doméstica, através da qual o conhecimento aos filhos eram passados através dos pais.

Isto demonstra que desde os tempos mais remotos, a família vem desempenhando uma importância fundamental na formação do ser humano, principalmente, quando se fala em valores morais e éticos. Pois, a família e a base da sociedade. A instrução que a criança recebe da família define seu caráter no futuro. Desta forma, percebe-se a importância da família na vida do ser humano, auxiliando-o a entender o mundo, a enfrentar as concorrências, a ser criador e a tomar decisões certas.

Destaca Dias (2012) que o toque afetivo dado à educação da criança por parte da família, contribui para o desenvolvimento da autoestima desta que também passa a ter hábitos mais saudáveis e um bom relacionamento entre os membros de seu grupo familiar.

No entanto, o grupo familiar é a primeira agência a controlar o ser humano. Desde o nascimento que a criança é controlada, moldada, orientada pela família. Posteriormente, a escola passa também a desempenhar esse papel e a formar o indivíduo para viver em sociedade.

### 2.2 A família numa visão psicanalítica

#### 2.2.1 A família na concepção de Freud

Para Freud (1980), a família possui todo um processo histórico, uma herança arcaica, fundamentada na rivalidade entre filho e pai, acrescentando que a família moderna possui uma correlação com a vivência da família primeva, e surge após a morte do pai e do clã totêmico.

Segundo Carvalho Filho (2010, p. 20):

Com o complexo de Édipo, Freud assegura o funcionamento simbólico da família, substituindo o pai real morto, que mantinha mais poderes sob forma de totem. Mesmo tendo assassinado o pai, os filhos não tiveram acesso ao gozo que imaginavam que o pai tinha e isso é o que torna o pai representado e, portanto, simbólico.

A partir da teorização do complexo de Édipo, Freud formulou sua concepção psicanalítica sobre a família, passando a abordá-la sempre relacionando-a ao viés do complexo edípico, apresentando-a como uma instituição humana duplamente universal, através da qual encontra-se associada a castração simbólica a um fato da natureza biológica.

Na visão de Freud, a família fraterna traz a ideia de um pai limitado e representante, juntamente, como o totem do pai morto, devorado e, posteriormente, presentificado nos tabus do incesto e da morte do pai. Assim, na visão de Freud a família constitui uma restauração da antiga ordem primeva e devolve aos pais uma grande parte de seus antigos direitos.

Explica ainda Roudinesco (2009), que a família moderna freudiana é, um fenômeno universal, que possui por alicerces a união estável de um lado e filiação de outro.

Assim, a família é resultante de duas outras pré-existent: uma, que fornece um homem, e a outra, uma mulher, que, unidos pelo casamento, constituem uma terceira família, fato que demonstra que somente existe família através de um processo social de aliança.

Segundo Alberti (1999), num sentido amplo, à luz da psicanálise, a família pode ser definida como sendo um conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento e pela filiação ou pelo sucesso de indivíduos descendendo uns dos outros.

Ao longo de seu processo de evolução, a família passou por diferentes momentos. Dissertando sobre esse processo, Roudinesco (2009) destaca os seguintes momentos:

a) primeiro momento: a família tradicional ou patriarcal assegura a transmissão do patrimônio;

b) segundo momento: a família moderna, fundada no amor romântico, reforça os sentimentos e desejos na sua origem;

c) terceiro momento: a família contemporânea une, por duração relativa, dois indivíduos com o objetivo de buscar realizações pessoais e sexuais.

É importante observar que no primeiro momento, o pai seria o senhor das famílias, uma espécie de encarnação de Deus, reinando sobre o corpo e a alma da mãe e dos filhos (família primeva). A chamada família contemporânea é uma consequência do realce dado à

dimensão privada, em detrimento da origem mítica do poder paterno que não mais é percebido.

Dentro dessa mesma linha de pensamento, Carvalho Filho (2010, p. 22) ressalta que:

A família freudiana, tendo por base a culpa e a lei moral, fundamenta o desejo entre condições conflitantes de autoridade, rebeldia, crime e castigo. Essa nova concepção de família, do início do século XX, será capaz de lidar não só com o declínio da autoridade paterna, mas também com a emancipação da subjetividade, o que ela apresenta como seu cerne o amor, o desejo e a sexualidade, o que implica no reconhecimento do inconsciente e da própria subjetividade.

Desta forma, Freud mostra como ocorreu o declínio do patriarcalismo, abordando a questão da família psíquica ou edípica e sua relação com a família da realidade, deixando transparecer um contraponto entre a realidade da família e a representação psíquica da família. Freud, se refere à família da realidade, que participa como suporte para a família simbólica, trazendo, numa visão psicanalítica em seu bojo, as demandas e os desejos.

#### 2.2.1 A família na obra de Melaine Klein

Significativa foi a contribuição de Melaine Klein no campo da Psicanálise, no que diz respeito à construção de um conceito para o termo família. Partindo das ideias de Freud, ela acrescenta à acepção psicanalítica de família o acesso à vida imaginária da criança, discutindo os imagos maternas e paternas.

Afirma Carvalho Filho (2010, p. 53):

Melanie Klein fundamenta suas ideias sobre o Édipo em algumas premissas novas e que diferenciam o seu pensamento, divergindo-o da teoria freudiana. Interessada na origem das psicoses e nas relações arcaicas com a mãe, Melanie Klein aborda a criança pelo material já recalcado, o que se tornou possível criando a cura pelo brinquedo. Demonstrando a possibilidade da transferência infantil, da precocidade do supereu, Klein busca acesso à vida 'imaginária' da criança, suas imagos, phantasias e objetos parciais.

Melaine Klein trabalhou a família através das vivências edípicas dos primeiros meses de vida, focalizando as relações do sujeito com a mãe, como objeto parcial, demonstrando que a função paterna presente, desde os primeiros meses, na relação mãe-filho, ativa o Édipo da criança. Tal complexo diz respeito, em suma, ao rompimento da relação de dualidade da criança para com a mãe na relação imaginária, para que a criança possa se inscrever em uma ordem simbólica, ou seja, na linguagem. A mediação da linguagem emerge ao desejo, que precisa fazer-se palavra e desdobrar-se em uma demanda.

Nesse sentido, Melaine Klein centra a questão da família, nos primeiros anos de vida da criança e em sua relação com a mãe.

Na concepção de Klein (1982), a criança de tenra idade já possui um ego mais organizado, capaz de mecanismos que fazem frente à angústia e à culpa, promovendo relações de objeto não somente no plano da fantasia mas também no plano da realidade, que é vivida na família.

Seguindo o entendimento de Freud, Klein (1982) também faça o contraponto da família da realidade e a família psíquica ou imaginária. E, objetivando garantir um estatuto de psicanálise para o tratamento da criança, Klein exclui os pais desse atendimento, passando a analisar a criança, considerando-a como um sujeito capaz de transferência e de fazer uma verdadeira análise.

Assim sendo, percebe-se que Melaine Klein não somente excluiu os genitores do processo de análise. Na prática, ela não teve uma preocupação direta com a realidade da família, portadora fenomenologicamente dos pedidos e demandas familiares. Ela, na realidade, focou-se na família imaginária presentificada no complexo de Édipo.

### 2.2.3. A família na obra de Jacques Lacan

Diferentemente de Freud e Klein, Lacan teve uma maior preocupação com a família, tendendo entender suas diferentes concepções. E, em razão, publicou vários estudos abordando a situação da família ocidental, principalmente, no período pré-guerra.

Afirma Kaufmann (1996), que Lacan utiliza os conhecimentos clínicos sobre o Édipo, de releituras de teorias psicanalíticas, sociológicas, nos levando a uma nova compreensão sobre a família e sua evolução.

Na concepção de Lacan, a família pode ser apresentada como um grupo de indivíduos, formados de forma natural, que se encontram unidos por uma relação biológica, que apresenta um caráter duplo, ou seja, a procriação e a manutenção das condições de meio com a finalidade de desenvolvimento dos jovens, defendendo que a cultura está para a família humana da mesma forma que a natureza está para as espécies animais.

Lacan afirma que a família moderna é resultado de uma contração da instituição familiar, que sofreu um profundo remanejamento até sua forma atual, movida principalmente pelas mudanças ocorridas na instituição do casamento, ou melhor, no regime de alianças (SANTIAGO, SANTIAGO, 1996).

Nesse ponto, percebe-se que Lacan aproxima-se da sociologia durkheimiana, mostrando que a se estrutura sob a influência crescente do matrimônio, privilegiando a família conjugal (o marido, a mulher e os filhos menores e solteiros). Essa nova organização familiar produz uma importante limitação dos direitos do pai, que passa a perder o seu poder e autoridade.

O próprio Lacan (1981) afirma que a família transmite as estruturas de comportamento e de representação inconsciente, que permitem uma continuidade psíquica entre gerações, concluindo que a

característica essencial da família é seu condicionamento por fatores culturais.

Lacan ressalta que os complexos familiares constituem o pivô do desenvolvimento humano, definindo o próprio complexo como um conjunto organizado de representações e recordações, que possuem forte valor afetivo, destacando entre os complexos existentes, os seguintes:

- a) Complexo do desmame;
- b) Complexo da intrusão
- c) Complexo de Édipo.

É importante destacar que todos esses três complexos são necessários para a formação da subjetividade, sendo vividos no âmbito familiar, sendo o complexo do desmame o mais primitivo (arcaico) do desenvolvimento psíquico, integrando-se a todos os complexos posteriores.

Em relação ao complexo de intrusão, este organiza a relação mãe/criança/rival imaginário, enquanto que o complexo de Édipo organiza a relação mãe/criança/imago paterna, introduzindo aí algo correlato a um obstáculo.

Lembra Couto (2011), que o complexo de Édipo é o herdeiro histórico da família paternalista. É uma invenção da psicanálise que coincide com o declínio da imago paterna.

Lacan (1981) também faz importantes considerações clínicas sobre o Complexo de Édipo, relacionando-as à psicopatologia das relações entre pais e filhos, analisando-as sob a luz de várias teorias: psicanalíticas, antropológicas e sociológicas.

Lacan mostra a família organizada, segundo imagos paternas e maternas, reconhecendo que esta é responsável pela promoção do processo de humanização do indivíduo, pela criação da subjetividade. A família, na orientação lacaniana encontra-se formada pelo significante Nome do Pai, e o Desejo da Mãe, constituindo-se numa estrutura simbólica, que envolve o pai (agente da castração) e a mãe que, ao ter um interesse particularizado pela criança, aliena-a ao seu desejo.

### 2.3 O papel da escola na formação do educando

A escola, enquanto instituição evoluiu com a própria sociedade, absolvendo novos conceitos, mudando sua prática pedagógica para acompanhar as transformações que se processavam no âmbito social. No entanto, apesar de ter passado por grandes mudanças, a escola não perdeu a sua função, que é educar.

Segundo Dessen e Polonia (2007, p. 26):

A escola é uma instituição social com objetivos e metas determinadas, que emprega e reelabora os conhecimentos socialmente produzidos, com o intuito de promover a aprendizagem e efetivar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores: memória seletiva, criatividade, associação de idéias, organização e sequencia de conhecimentos, dentre outras.

A escola tem a função de educar o aluno, instruindo-o e abrindo-lhe os caminhos para conhecimento. É ela responsável pela socialização do educando. No entanto, sua missão vai mais além do que o ato de ensinar a ler e escrever. À ela também cabe a missão de educar para a cidadania, dando ao aluno uma visão crítica do mundo que existe em sua volta.

Dissertando sobre o desenvolvimento proporcionado à criança pela escola, Fusverki e Pabis (2008, p. 2) fazem o seguinte comentário:

Quando a criança entra na escola, conta com uma gama de experiências adquiridas no convívio com os seus meios anteriores que lhe permitirão formar uma determinada visão sobre si mesma. A incorporação à escola significa, para ela, uma ampliação na sua esfera de relação; nela conhecerá outras crianças com quais deverá compartilhar uma parte considerável de sua vida, além de estabelecer relações com adultos que não pertencem a sua família e nem às suas relações mais próximas.

Desta forma, percebe-se que a criança ao chegar à escola, traz consigo uma gama de conhecimentos, oriundos, em grande parte, de seu grupo familiar. Entretanto, para que a aprendizagem aconteça de forma satisfatória é de suma importância que a escola leve em consideração esse aprendizado prévio.

Na atualidade, a escola está sendo convocada a refletir e a trabalhar a diversidade. Isto porque ela é uma instituição social essencial para a implementação de medidas voltadas para a transformação da realidade, constituindo-se no lugar que oportuniza, ou deveria possibilitar as pessoas à convivência com seus semelhantes.

Informa Mantoan (2003, p. 53) que:

A escola, para muitos alunos, é o único espaço de acesso aos conhecimentos. É o lugar que vai proporcionar-lhes condições de se desenvolverem e de se tornarem cidadãos, alguém com uma identidade sociocultural que lhes conferirá oportunidades de ser e de viver dignamente.

Por essa razão, a escola precisa cumprir o seu papel de forma eficiente. Além de ensinar a ler e escrever, ela também deve instruir o aluno, educando e capacitando para o exercício da cidadania. Se a escola não desenvolver um trabalho que atenda a essas exigências, ela não está cumprindo o seu papel social.

De acordo com Gonçalves e Paula (2009, p. 44):

A função da escola é acima de tudo política, de formar cidadãos conscientes, de reconhecer que são portadores de direitos e deveres, de formar não para serem manobras desta sociedade e deste sistema capitalista que só quer a reprodução e alienação, mas sim para serem críticos.

Formar alguém para o exercício da cidadania não é uma tarefa fácil. É algo que exige muito da escola, bem como de todos os envolvidos no processo educativo. Contudo, é na escola onde o aluno deve aprender a ser um sujeito crítico, capaz de compreender o mundo que se encontra a sua volta e sobre ele saber opinar de forma consciente, dando, assim, a sua contribuição à sociedade. Se a escola não conseguir formar o aluno com essa visão crítica, não está cumprindo o seu papel.

#### 2.4 Fracasso escolar: conceito e consequência

No contexto escolar, o fracasso é apresentado como sendo uma patologia recente, que somente começou a ser percebido a partir do século XIX, quando a escolaridade passou a ser obrigatória. E, como o passar dos anos, o problema ao invés de ser solucionado, ampliou-se de forma considerável (BOSSA, 2009).

Na concepção de Weiss (2007, p. 16), “considera-se como fracasso escolar uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola. Essa questão pode ser analisada e estudada por diferentes perspectivas: a da sociedade, a da escola e a do aluno”.

A análise do fenômeno do fracasso escolar exige um olhar abrangente, não que não pode ser somente focado no aluno. Da forma demonstrada, há todo um universo ao redor do aluno, que não pode ser ignorado. Deve-se ressaltar que o fracasso escolar é um fenômeno que se mantém refratário, exigindo, assim, a promoção de mais discussões sobre tal problemática.

No contexto atual, exige-se que o indivíduo saiba ler para interagir com o mundo, que saiba se expressar para que tenha sucesso social e profissional. Por isso, o fracasso escolar e as dificuldades de aprendizagem registradas no processo educativo, são temas sempre presentes nas discussões relacionadas à educação.

Na concepção de Cordié (1996), a pressão social pode ser apresentada como sendo um agente contributivo do fracasso escolar.

No entanto, é necessário compreender os fatores de contribuem para o desenvolvimento desse fenômeno, também visto como um aspecto sociocultural, que pode ter por origem os conflitos familiares, os sistemas pedagógicos, bem com a deficiência intelectual presente no próprio aluno.

Na concepção de Weiss (2007), fracasso escolar pode ser considerado como sendo uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola.

Na busca de soluções para o enfrentamento do fracasso escolar, não se pode desconsiderar as relações significativas existentes entre o que é produzido no contexto da escola e aquilo que o mundo apresenta de forma real, representando as possibilidades sociais. Por outro lado, com grande frequência, os alunos provenientes de populações de baixa renda são agrupados nas chamadas ‘classes escolares especiais’, simplesmente porque apresentam problemas/dificuldades de aprendizagem, o que de certa forma, se configura numa forma de exclusão social.

Um estudo realizado por Angelucci et al. (2004), revelou que o fracasso escolar pode ser compreendido como: problema psíquico; problema técnico; questão institucional e questão política.

No que diz respeito ao fracasso escolar como dificuldade técnica, Angelucci et al. (2004, p. 61) destaca que “nessa outra vertente, o fracasso é analisado sob a ótica das carências técnicas do corpo docente, sendo compreendido como consequência da utilização de técnicas inadequadas de ensino ou da má utilização das técnicas corretas”.

Assim sendo, não há como se pensar em fracasso, quando o aluno encontra-se inserido num ambiente que faz uso correto das técnicas de ensino. Nessa condição, dificilmente o aluno não terá condições necessárias para desenvolver suas potencialidades de forma plena.

No que diz respeito ao fracasso escolar enquanto problemática institucional, tem-se que reconhecer que muitas reformas e projetos voltados para a educação, têm demonstrado que são inadequados e que não contribuem para um bom desenvolvimento do processo educativo.

Já em relação ao fracasso escolar como problemática política, existem aqueles que pensam que tal fenômeno é “fruto da violência exercida pela escola ao estruturar-se em torno da cultura dominante, deixando de lado a cultura popular” (ANGELUCCI et al., 2004, p. 63).

É fundamental também reconhecer que o fracasso escolar pode ser motivado pela forma como o professor conduz a sua aula. Uma aula sem começo, meio e fim, desmotiva o aluno. Um professor sem didática não produz conhecimento em sala de aula e nem gera aprendizagem significativa.

O fracasso escolar produz várias e sérias consequências na vida do ser humano. E, uma delas é a exclusão, que faz com que o indivíduo, sem emprego e sem espaço, passe a viver à margem da sociedade. Fracassado, o aluno soma-se aos demais excluídos (ASSIS; LUCA, 2009).

Com grande frequência, determinados alunos não conseguem acompanhar o ritmo do processo educativo desenvolvido em sala, passando a ter sérias dificuldades de aprendizagem. Professores, orientadores, supervisores e gestores escolares questionam-se sobre onde estão concentradas as causas desse fracasso, se na família ou no próprio contexto escolar.

No entanto, independentemente de onde estejam as causas do fracasso escolar, estas devem ser identificadas e superadas. Pois, se isto não ocorrer o aluno amargará prejuízo pelo resto de sua existência. Por outro lado, tem-se que reconhecer que uma grande parcela dos pais não possui condições de acompanhar o processo educativo de seus filhos ou até mesmo de estimulá-los a estudarem.

Avaliando essa ausência por parte dos pais em relação ao processo de escolarização de seus filhos, Trancredi e Reali (1999, p. 3) ressaltam que:

Se, por necessidade de sobrevivência, muitas famílias vêm deixando de perceber o papel da escola como agência transmissora de

conhecimentos sistematizados e têm imputando a ela a tarefa mais ampla de educar para a vida, a escola tem tido dificuldade em aceitar essas novas atribuições oriundas das mudanças sociais e familiares e de incorporar as novas demandas no desenvolvimento de seu trabalho, embora esse processo não seja tão recente.

Vários fatores têm contribuído para que os pais deixem de darem uma maior atenção aos seus filhos, principalmente, em relação ao processo de ensino aprendizagem, deixando de comparecer às reuniões e/ou atividades realizadas na escola, de acompanhar as atividades que são determinadas para serem feitas em casa, etc. Hoje, é cada vez maior a necessidade que o casal possui de trabalhar para manter o sustento da família. E isto reduzir os momentos de atenção, carinho e afeto em relação aos filhos.

Ainda segundo Assis e Luca (2009, p. 201):

[...] se crianças vivem em ambientes familiares onde não são valorizadas, estimuladas e acompanhadas de perto pelos pais, seja quanto aos aspectos escolares ou cotidianos, elas podem, ao longo do tempo, adquirir algum sentimento de inferioridade com relação aos seus amigos ou a crianças da mesma faixa etária e até [...] apresentar sinais de agressividade, depressão, fobias, entre outros danos que, se não analisados com cuidado, podem se agravar.

Pelo demonstrado, a ausência e o distanciamento dos pais da vida de seus filhos pode trazer consequências drásticas, que não somente se limitam ao fracasso escolar. Alterações no comportamento também podem ser registradas, tornando a criança agressiva ou deprimida. Neste último caso a situação se agrava quando um quadro de depressão é instalado, modificando por completo a rotina da vida da criança, trazendo sérios prejuízos ao processo educativo.

### 3 Considerações Finais

Na escola, aqueles alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem estão condenados ao fracasso escolar e certamente serão excluídos. O problema se agrava porque a escola não cumpre a sua função social. Ela não procura detectar o que limita o aprendizado do aluno, apenas desprestigia-o.

Assim, ao sair da escola como um fracassado, o indivíduo dificilmente conseguirá sucesso no campo profissional. No entanto, o fracasso escolar não somente traz implicações relacionadas à exclusão social. Ele também pode alterar o comportamento do indivíduo, tornando-o violento, por não ter conseguido alcançar êxito nos estudos ou por já se sentir um excluído.

Desta forma, percebe-se que o fracasso escolar não somente retira do aluno as oportunidades de um maior sucesso no campo profissional: ele pode lhe trazer implicações de ordem psicológica, alterando seu

comportando, tornando-o num ser violento, amargurado e revoltado consigo e com tudo que se encontra em volta, simplesmente não possui a chance de ocupar um melhor espaço.

Não há como se superar o fracasso escola sem a participação da família no dia a dia do aluno, acompanhando em suas atividades, partilhando de todo o processo de ensino aprendizagem. Essa participação também é importante porque auxilia no processo de escuta psicanalítica, tão necessária para se conhecer/identificar os reais motivos que levam os alunos a não apresentarem um bom rendimento na escola.

Toda a intervenção psicanalítica destinada à superação do fracasso escolar deve considerar como importante a ausência e o nível de presença da família no processo de aprendizagem da criança, objetivando constatar o nível de envolvimento nesse processo. O êxito dessa intervenção também estará condicionado ao grau de comprometimento da família no processo educativo.

Em resumo, não há como se superar o problema do fracasso escolar, se a família se mantém ausente da vida escolar da criança. E, fundamental é a contribuição da Psicanálise na busca de soluções para esse problema.

#### 4 Referências

ANGELUCCI, C. B. et al. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): Um estudo introdutório. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 1, jan.-abr., 2004.

ASSIS, A.; LUCA, V. A. A influência dos pais na aprendizagem das crianças. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v. 12, n. 2, p. 199-208, mai.-ago. 2009.

BOSSA, N. A. **Fracasso escolar**: Um olhar psicopedagógico. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2009.

CARVALHO FILHO, J. G. T. de. **A aceção de família na teoria psicanalítica**: Sigmund Freud, Melanie Klein e Jaques Lacan. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de São João del-Rei - PPGPSI-UFSJ, São João del Rei-MG, 2010.

CHAVES, W. **A determinação do sujeito em Lacan**: da reintrodução na psiquiatria à subversão do sujeito. Tese de Doutorado Universidade de São Carlos: São Paulo, SP, Brasil, 2005.

CORDIÉ, A. **Os atrasados não existem**: Psicanálise de crianças com fracasso escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

COUTO, M. P do. **O fracasso escolar e a família**: O que a clínica ensina? Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. UFMG. Belo Horizonte: FMG, 2011.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.

DIAS, M. B. **Manual de direito das famílias**. 9 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2012.

FREUD, S. Psicologia de grupo e análise de ego. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago 1980.

FUSVERKI, E. V.; PABIS, N. A. A participação dos pais na escola influencia para uma melhor aprendizagem. **Revista Eletrônica Lato Sensu**, v. 3, n. 1, mar/2008. Disponível em: <http://www.unicentro.br> Acesso em: 10 jul 2014.

GUIMARÃES, D. T. **Dicionário compacto jurídico**. 14. ed. São Paulo: Rideel, 2011.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**: o legado de Freud e Lacan. Tradução de Vera Ribeiro e Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge-Zahar, 1996.

KLEIN, M. Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional dos bebês. In: **Os progressos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

LACAN, Jacques. **Complexos familiares**. Porto: Assírio e Alvim, 1981.

LOBO, P. L. **Direito civil**: Famílias. São Paulo: Saraiva, 2008.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer?. São Paulo: Moderna, 2003. (Col. Cotidiano Escolar).

MARTINS, S. V. M.; TAVARES, H. M. A família e a escola: desafios para a educação no mundo contemporâneo. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 256-263, 2010.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

SANTIAGO, A. L.; SANTIAGO, J. A psicanálise em face da familiarização do mundo: pontos para uma investigação sobre a família. In: **Opção Lacaniana**, n. 17, 1996, p. 83-88.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica**: Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 12 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2007.